

Sambarroxé, dança e música *no e pelo* corpo dito brasileiro

Joubert de Albuquerque Arrais, Universidade Federal da Bahia
joubertarrais@gmail.com

Objectivos

“Sambarroxé, um experimento bruto” é um solo demonstrativo de improvisação em dança, com viés performático, que tem por objetivo principal discutir a relação midiática e midiática entre dança e música no contexto nordestino-brasileiro, a partir de três manifestações culturais (o samba, o arrocha e o axé). Por conta disso, configura-se como um estudo de corporalidades, cujo intuito é evidenciar, artística e criticamente, a sensualidade dos gestos e a erotização dos corpos no contexto brasileiro, ainda sujeitado a um olhar estereotipado na relação estética entre dança e música.

Contexto

O Brasil é muito conhecido pelo seu “carnaval”, festa católica que acontece, em geral, no mês de fevereiro, mas que já há um bom tempo, neste país, está bem vinculada à diversão, corpos com pouca roupa, quase à flor da pele, muitas vezes, beirando o exagero e a banalização. Nisso, o corpo que dança é mercadoria com alta rentabilidade turística. Em Salvador, capital do estado da Bahia e conhecida internacionalmente por ter o maior carnaval de rua do mundo, tais relações são mais intensas e se estendem por todo o ano. Foi neste contexto que surgiu a motivação de misturar três danças reconhecidas comumente como músicas para dançar.

A idéia inicial, e que se manteve, vem da junção, na forma de trocadilho, dos nomes “samba”, “arrocha” e “axé”. Nasceu, então, o “Sambarroxé”. Isso trouxe à tona outra discussão, que é o jeito desportivo de lidar com a dança, quando esta é tratada como *slogan* das academias de ginástica que, para se manterem atrativas, criam suas dançinhas de verão, cuja durabilidade é só o tempo da estação. Por vezes, mantêm-se na ativa com a cumplicidade dos meios de comunicação de massa, também interessados em lucrar até onde e quando for possível.

Tudo isso encontrou ambiente fértil em uma atividade em grupo do mestrado em Dança da Universidade Federal da Bahia - UFBA, no início do segundo semestre de 2007, orientada pela colega, pesquisadora e artista Mara Guerrero (SP). Esta atividade consistia em cinco solos dançados simultaneamente, mas em espaços distintos, no projeto chamado “Experimento Bruto”. Foram realizadas duas apresentações, uma no Painel Performático, da Escola de Dança da UFBA, e outra no *World Dance of Alliance*, também realizado na capital baiana, no mesmo período, além da versão solo da artista-orientadora já citada.

Foi, no entanto, em 2008, quando retomei o processo do solo, que o caráter independente da obra ganhou força. A motivação veio da participação no Projecto TEOREMA, promovido pelo Estúdio Nave (www.estudionave.com), em São Paulo. Nesta iniciativa, cada artista trata sua obra como uma proposição que, junto com outros trabalhos, servem de base para a formulação de um teorema por um artista, crítico ou pesquisador convidado. Ao final das apresentações do dia que participei, em 12 de setembro, a artista e pesquisadora paulista Andréa Nuhr propôs seu teorema de grande valia para a pesquisa. Ela pontuou, principalmente, o fato de eu ser de outro estado brasileiro (Ceará), tendo, na época, contato

com a cultura de outro estado (Bahia), no que se refere a uma competência mestiça no lidar, experimentalmente, com informações advindas e relacionadas a outro contexto, mesmo ambos sendo do mesmo país.

Com isso, as informações envolvidas no processo de criação ganharam outra densidade artística no que diz respeito às três manifestações escolhidas para a investigação. O “samba”, com ênfase no movimento dos pés, representa a brasilidade turística e é um elemento recorrente na capital Salvador. Neste contexto, incorporou-se ao movimento musical conhecido como *axé music*, com seus trios elétricos (caminhões adaptados com palco na parte superior), comandando multidões de foliões, que dançam de braços e mãos para o alto e lateral.

Distingue-se, por exemplo, do que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, onde o samba fez-se carnavalesco pela configuração musical de “samba-enredo” nos famosos Desfiles das Escolas de Samba, onde se destacam a sensualidade das mulatas com movimento circular virtuoso nos quadris. Já o “arrocha”, menos conhecido, traz semelhanças com esse movimento, mas com características próprias no jeito de mover o corpo. O movimento do quadril é para a lateral, em sentidos horário e anti-horário alternados, ao som do ritmo seresteiro romântico, mais restrito à comunidades de bairros, com base musical de teclados eletrônicos.

Metodologia

O solo demonstrativo “Sambarroxé” foi concebido por mim e investigado a partir do procedimento de improvisação em dança *experimento bruto*, desenvolvido pela pesquisadora e dançarina Mara Guerrero, a partir do conceito de *fato bruto* e de *hábito* da semiótica de Charles Peirce. Este procedimento é a continuidade da pesquisa desenvolvida pela pesquisadora supracitada e que tem como foco a investigação da interrupção do movimento/ação, da relação entre processo e produto em dança, questionando como continuar pesquisando dança.

Nesse estudo teórico-prático, definido como solo demonstrativo, com viés performático, as três manifestações culturais brasileiras de massa foram escolhidas sob o critério de serem danças e músicas massificadas que exploram a sensualidade dos gestos e erotização dos corpos. Como horizonte epistemológico, temos que “o mais importante é não confundir aquilo que se experimenta com a experiência de estar experimentando” (KATZ, 2003: 268).

Sem entrar no mérito da complexidade do samba e suas variantes em território brasileiro, como o samba de roda, entre outros, optamos pela configuração midiaticizada dessa manifestação cultural, o que vale também para o axé. O arrocha, vindo da região do Recôncavo Baiano, norte da Bahia, entrou na pesquisa no sentido de se enquadrar nessa relação dança e música com os meios de comunicação. Ou melhor, um tipo de movimento musical onde a dança se faz bem presente, com aspectos próximos, mas também distintos, do axé e do samba.

Durante o trabalho em grupo, foram realizadas experimentações que eram observadas pelos colegas de pesquisa e também filmados para serem analisados posteriormente. Além disso, utilizei um repertório individual de experiências *in loco* e também com os *media* televisivo. Isso possibilitou o deslocamento não-habitual de padrões de movimento em quatro partes do corpo (cabeça, pélvis, braços e pés) para se testar como tais padrões podem se reorganizar e serem re-elaborados em tempo real.

A perspectiva teórica da mestiçagem cultural deu luz nova a essa discussão, muito por conta da minha experiência com o grupo de epistemologias do corpo brincante, coordenado pela Profa. Dra. Eloísa Domenici e do qual fiz parte durante um ano e meio, anterior à criação da obra em questão. Neste grupo, trabalhou-se com metáforas corporais, no que diz respeito às discussões sobre linguagem e cognição (Lakoff; Johnson 2002) e também sobre o pensamento mestiço (Gruzinski 2001).

No segundo momento da pesquisa, quando esta optou pelo caráter independente, outras referências passaram a fazer parte do processo. Uma delas é o conceito de *meme*, do biólogo evolucionista Richard Dawkins (2001; 2007), que trata a informação cultural como análoga à genética (genes). Segundo ele, o meme é definido como unidade mínima de informação cultural, como replicadores de comportamentos, desde idéias ou partes de idéias, e

também línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida com frequência.

Conclusões

O contato com elementos do chamado folclore e aspectos da cultura afro-brasileira promoveu contaminações na criação dos movimentos, cuja ênfase está na historicidade de cada corpo que dança, configurando-se artística e corporalmente como uma zona intersticial de freqüentes entradas e saídas (Bhabha 1998; Katz 2004). Refere-se àquilo trazido de fora que modifica a estrutura de quem recebe, e vice-versa, num processo de integração entre auto-referências e a referências-do-outro em um processo de co-existência.

Um confronto evolutivo de transformação, pela arte, pela dança e pela música, de onde surgem novas e outras epistemologias, configurando-se no mundo de modo coevolutivo. Experimento importante para que possamos compreender melhor o que realmente está implicado nos fenômenos mestiços brasileiros e o que estes auxiliam na desestabilização da chamada dança brasileira, no sentido de um reconhecer-se mestiço no corpo que dança na contemporaneidade.

Bibliografia

Arrais, Joubert de Albuquerque. (no prelo) "Dançar no Brasil é reconhecer-se mestiço ou uma *escrita crítica* sobre o espetáculo "Artérias - quando se perde o norte" In Anais da V Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Cênicas – ABRACE. Minas Gerais: Belo Horizonte. Outubro, 2008.

Bhabha, Homi K. (1998) *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Dawkins, Richard. (2001) *O Relojoeiro cego - a teoria da evolução contra o desígnio divino*. Trad. Laura Teixeira Motta. Rio de Janeiro: Cia. das Letras.

_____ (2007) *O gene egoísta*. Trad. Daniel Vasques. Rio de Janeiro: Cia. das Letras

Gruziski, Serge. (2001) *O pensamento mestiço*. Tradução: Rosa Freire d'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras.

Guerreiro, Mara Francischini. (2008) "O ato compositivo na improvisação em dança: uma relação entre hábitos e mudança de hábitos" In: *Revista Travessias* Paraná: Universidade Unioeste. V. 2, (p 01-09)

Katz, Helena. (2004) "A Dança, pensamento do corpo" In: *O Homem-máquina: ciência manipula o corpo* / org.:Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras (pp. 268)

s.a/ s.d. "Vistos de entrada e controle de passaportes da Dança Brasileira" In: Cavalcanti, Lauro (org.). *Tudo é Brasil*. São Paulo: Editora Itáu Cultura (p.121-131)

Lakoff, George; Johnson, Mark.(2002) *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sbophia Zanotto. Campinas: EDUC: Mercado das Letras